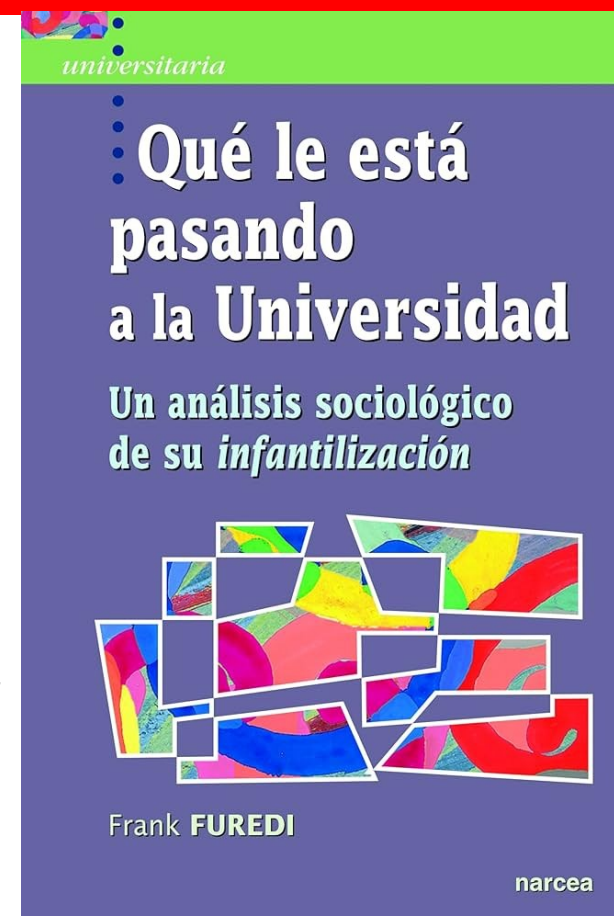


Furedi, F. (2018). *Qué le está pasando a la universidad: un análisis sociológico de su infantilización*. Narcea.

ENS/SUP FRD*QUE



Furedi, F. (2018). *Qué le está pasando a la universidad : un análisis sociológico de su infantilización*. Narcea.

ENS/SUP FRD*QUE

A transformação radical que as universidades atravessam atualmente não é menos profunda do que a turbulência vivida nos anos sessenta. No entanto, hoje, quando quase cinquenta por cento dos jovens participam no ensino superior, o que acontece nas universidades diz respeito diretamente à sociedade como um todo. Os acontecimentos curiosos e perturbadores nos campi de ambos os lados do Atlântico tornaram-se motivo de preocupação, e não apenas para os académicos. Que conclusões podemos tirar da tendência crescente de vetar certos professores que falam? Como enfrentar alertas sobre os conteúdos ministrados nas universidades, apropriação cultural, microagressões contra estudantes ou a interpretação dos chamados espaços seguros? Porque alguns estudantes consideram que a liberdade académica não existe realmente?

As universidades eram a expressão do radicalismo que espelhava os ânimos nos anos 60, e eram os locais propensos à experimentação intelectual. Eram lugares que estavam abertos a novas ideias e eram bastante mais tolerantes com as diferentes visões e opiniões do resto da sociedade. A liberdade de expressão e a liberdade académica eram valores que se defendiam e afirmavam com veemência. Ainda que hoje se afirmem, na prática parecem ter perdido a sua vitalidade e relevância para muitos que fazem da universidade a sua casa. Parece que o clima cultural que predomina na educação superior é bastante menos hospitaleiro para os ideais de liberdade, tolerância e debate. Refletir como se tem dado esta inflexão de valores é o objetivo deste livro.

O autor propõe explicar como e porquê que a cultura dominante na universidade se alterou de forma tão dramática. Antes, os membros da universidade entendiam que a compreensão e a busca da verdade requeriam uma vontade sólida face à crítica e uma disponibilidade para a troca de opiniões opostas. O ideal de tolerância em prol de visões dissidentes esteve sempre sujeito a pressões conformistas e censoras, mas até há pouco tempo, a autoridade moral da liberdade académica e da liberdade de expressão, asseguravam que o sistema de crenças próprio de uma mentalidade aberta exercia uma influência significativa na vida do campus. Numa viragem assombrosa dos acontecimentos, a universidade converteu-se no sujeito do imperativo das práticas de censura e culturais que exigem níveis de conformismo

que normalmente se associam a instituições autoritárias de mentalidade fechada. As diretrizes de algumas universidades insistem que os seus membros “meçam as suas palavras” e se submetam a um comportamento sujeito a uma variedade crescente de regras. Os membros da universidade não só são exortados a falar com sensibilidade, mas até a que assistam a aulas de sensibilização para certos valores morais. Alguns setores do corpo estudantil já interiorizaram profundamente um sistema de valores censor que floresce na academia. Lamentavelmente, o protesto estudantil tem feito eco de uma linguagem de intolerância, que está na vanguarda de campanhas que têm como apoio comportamentos insensíveis e palavras ou ideias ofensivas. Nos últimos anos, ativistas estudantis exigem a colocação de advertências a conteúdos em determinados textos, ou pedem que se vetem oradores que se atrevam a discordar dos seus espaços seguros. Tais episódios, que se descrevem habitualmente como atos isolados de uns poucos estudantes, estão a deixar o seu rasto. Mas o problema real não está na atitude de um pequeno grupo de ativistas que não permite um debate, mas na ausência de uma oposição segura e veemente na defesa desse projeto de impor uma etiqueta intolerante e paternalista sobre a universidade. Estas práticas são raramente questionadas pelos académicos, inclusivamente pelos que as consideram uma intrusão às suas liberdades, não assegurando àqueles estudantes uma alternativa coerente. Quando os estudantes argumentam que alguns livros são perigosos para o seu bem estar psicológico ou que alguns argumentos e críticas são tóxicos, pois podem traumatiza-los, é evidente que a universidade enfrenta um sério repto à sua integridade académica. Quando administradores e alguns setores importantes reprimem estes sentimentos e valores, fica claro que a universidade corre o perigo de perder de vista a sua vocação. A obra é sobretudo baseada em episódios do mundo anglo-americano, onde se assistem a tendências culturais recentes, de cariz paternalista, que estão a contaminar o mundo inteiro, globalizando o ativismo censor através da internet e transcendendo fronteiras através de influências culturais que se instalam na academia, pondo em causa o respeito pelos ideais de liberdade e tolerância.

(adaptado do texto de introdução à obra)

Divisão de Documentação